

Laé de Souza

As melhores crônicas



dos projetos de leitura

Volume 5

ECOARTE
EDITORA



Autor - Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Volume 5

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Esta obra é a quinta da série que reúne os melhores textos elaborados pelos alunos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê” em um livro.

Os alunos, de várias regiões do Brasil, desenvolveram várias atividades, a partir da leitura das obras “Acontece...” e “Espionando o Mundo pela Fechadura”, concluídas com a elaboração de um texto.

A primeira seleção foi efetuada pelos professores que escolheram, entre os textos produzidos por seus alunos, o melhor, para concorrer ao prêmio e, assim, participar desta edição. Em seguida, uma equipe fez a escolha dos trabalhos que fazem parte desta coletânea.

Além de se deliciar com a leitura dos textos produzidos pelos alunos, o leitor terá, ainda, uma crônica de minha autoria, compartilhando o espaço com os estudantes, escritores.

Assim, agradeço, de coração, aos professores que participaram dessa iniciativa, nas suas escolas, bem como ao GRUPO SEGURADOR BANDO DO BRASIL E MAPFRE, que patrocina o projeto “Ler é Bom, Experimente!”, e felicito aos jovens autores escolhidos a compor esta obra. Assim, a alegria desse resultado é minha, de vocês, jovens autores e, também, de seus professores e colegas.

Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Laé de Souza

Coletânea dos textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê

Volume 5 | 2013



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
As melhores crônicas dos projetos de leitura - Volume 5
Laé de Souza. -- 2ª ed. --
São Paulo : Editora Ecoarte, 2013.

ISBN: 978-85-87588-35-7

“Coletânea de textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê”.

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas I. Título.

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Crônicas : Literatura
brasileira 869.9308
1. Crônicas brasileiras I. Título.

Assessoria e Produção Editorial:

G2R Comunicação

Ilustrações:

Rucke

Capa: *Marcel Guido*

Fotografia: *Sergio de Paula*

Revisão: *Rozângela Inojosa Galindo*

Agradecimento especial

Agradeço aos professores, parceiros nesta jornada de formar novos leitores. Os textos dos alunos é o resultado de um trabalho de leitura e atividades desenvolvidas, nas escolas, com a finalidade de fazê-los descobrir o grande prazer do ato de ler. Os professores são os grandes maestros, condutores dessa empreitada. Muitos me acompanharam nesses mais de quinze anos de projetos de leitura nas escolas, por todos os cantos do Brasil, acreditando, como eu, que é possível formar leitores. Sei qual grande alegria é para ele, professor, ter o texto de um aluno seu, nesta obra.

Aos amigos, colaboradores e patrocinadores dos projetos de leitura, que viabilizam tornar-se realidade esse sonho de um Brasil Leitor:

Aos alunos, escritores, que tiveram os seus textos escolhidos para compor esta quinta obra dos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê”.

Não temos a pretensão de torná-los escritores, mas sim de fazê-los perceber que é possível discutir, compreender e reescrever um texto com a sua percepção e com nova conotação.

Deixa-me muito feliz que estejam comigo nesse trabalho e desejo que se tornem leitores e, também, incentivadores da leitura para que tenhamos um país melhor!

Boa leitura a todos!

Laé de Souza

Índice - Por autor

Laé de Souza	
Regras para o réveillon	08
Adenis Rocha Sousa	
Zé Pinguinha – um professor todo atrapalhado	11
André Miranda Silva	
O vereador Brasil	13
Beatriz Cardoso Silva	
Juca conectado	14
Breno Fernandes da Cruz	
Problemas à parte, Queixada se elege vereador	15
Évelin Cristina Sloboda	
Para sempre Zé Pinguinha	17
Gibson Souza	
Duas realidades? Ou um Brasil de duas faces?	18
Isabelle Costa Bueno	
Zé Pinguinha ressuscita	20
Ivan Sterling Pires	
“Tá” chegando o dia, aleluia	22
Jéssica Marina Silva Gomes	
O chulé do Pé Grande	23
Jéssica Rodrigues de Sales	
Relacionamento pela internet	24
Julio César Masnello	
O encontro de Zé Pinguinha e Queixada	26
Laiane Laís Pinheiro Pontes	
Neilando, versão 2010	28
Loyes Lenne Dias da Silva	
Uma amizade até depois do fim	29
Luana Cristina de Brito Santos	
Acredite se quiser!	31

Lucas Vicente Martins Lopez	
Zé Pinguinha praticando esportes	32
Lucas Vinicius Ferreira	
Quem diria, pastor Queixada foi derrotado	33
Maria Clara Silva Conceição	
Pastor Queixada e Pé Grande	35
Mayara Moreno dos Santos	
Apostas no futebol	37
Nathália Corrêa Caires	
Casa comigo... de novo?	39
Paulo Henrique de Sá Teles Junior	
Eternos pingüços	41
Pedro Henrique Cardoso Navarro	
Nosso Brasil	43
Stefanie Ingrid Pinto	
“Separados” parte 2 (A revolta de Joanita)	44
Yller Campioni de Andrade	
Os amores de Zé Pinguinha	45
Paula Háruna Shingo	
Vida Muito Louca	46
Daniela Mariano Silvestre	
Um Bumbum equilibrado	48
Juliana Duarte Costa	
O encontro amoroso de Luandécia e Zé Pinguinha ..	50
Laura Eloá dos Reis Ferreira	
Casa de Praia - a vingança	52
Stéfany Rodrigues Silva	
Um garçom apaixonado	54
Vitória Pereira de Souza	
O herói	56
Mozer Gomes do Nascimento	
A viagem de Magrão	58
Lorrahine Bastista de Oliveira	
Esmeraldo e seu Amigo	60

Regras para o réveillon

Laé de Souza

Desgastado com a repetição das encenanças e perturbações resultantes de reunião da família para comemorar o réveillon, na minha casa de praia, resolvi estabelecer algumas normas para que, nesse ano, fosse diferente.

Entre outras coisas básicas, que nem se precisava falar para pessoas sensatas, fiz constar: Não deixar que os filhos coloquem o som nas alturas; comer o suficiente, pensando que outros estão na praia e chegarão para comer; estabeleci horário para o almoço e, quem chegar mais tarde, que coma por lá; beber sem exageros e deixar a geladeira sempre abastecida; ajudar a lavar a louça, mesmo que esteja morrendo de sono; comportar-se como pessoas civilizadas e lavar os pés, livrando-se da areia, antes de entrar em casa; lavar cadeiras e guarda-sóis e deixá-los arrumadinhos na edícula; não jogar bolas dentro de casa, nem os grandes, nem os pequenininhos; avisar aos filhos que não fiquem com pirraças uns aos outros e, principalmente, com os menores, para evitar choradeiras; não jogar bola no quintal, pois da última vez quebrou uma planta da minha mulher e foi uma chateação; quem beber muito, evite conversas do passado, para não ficar um ambiente de lamúrias e choros; revezamento na churrasqueira, sem desculpas de que não sabe cuidar da carne – que fique aprendendo com quem sabe. E por aí foi a lista, para que tivéssemos uma festa tranquila e em paz.

Tirei algumas cópias do regulamento, com o propósito de que cada convidado recebesse uma, com o cuidado de que marido e mulher recebessem cada qual a sua. Antes da viagem, chamei minha mulher, mostrei-lhe o regulamento e pedi que ela fizesse a entrega para a sua família e eu faria

a da minha. Bem, quase que ela cancela a viagem, achando um absurdo e que algumas coisas que ali constavam tinham direção certa. Questionou-me: - Quem é que chora depois de uma bebedeira, todo ano?

- Geralda, tu bem sabes que é a tua irmã. Mas, tu achas certo eu colocar o nome das pessoas, aqui? A carapuça vai servir para quem acha que faz o que é errado.

- E tu achas que é errado, tomar um fogo no final de ano...?

Bom, pra encurtar, ficou resolvido que seria assim e que eu entregaria o tal regulamento tanto para os meus quanto para os parentes dela. E, ainda, acrescentei que deveria ser incluído, no regulamento, que as mulheres deverão respeitar e seguir as orientações do marido, o que a fez fechar a cara. Mas, fomos embora.

Cada família que chegava, antes de descarregar o carro, eu entregava para o marido e mulher o regulamento. Um cunhado, achou um absurdo, e gritou para a mulher, que nem descarregasse o carro, por que iriam embora. Depois de um deixa disso, acabou ficando. Eu cutuquei a minha mulher: “É que ele sabe que quem não encosta a barriga na churrasqueira é ele. Ficou mordido porque acabou a moleza”. Eu ia acrescentar mais outras coisas que se referia a ele, mas achei melhor parar.



Não precisa nem falar que cochichavam sobre o tal regulamento, e eu ouvi um falando “palhaçada, no ano que vem, *tô fora*”. E, eu, nem aí com os cochichos.

No começo, tudo bem. Depois que começaram a beber, e aproveitando que eu também tinha bebido, o que era cochicho, virou indireta, tipo “e aí pessoal, vamos seguir as regras, hein!”, “pega lá o regulamento, para ver se pode”, e por aí vai. O que importa é que alguns comportamentos não extrapolaram a regularidade e um ou outro foi o exagero.

Na hora de irmos embora, um porcaria de um sobrinho, que nem era da minha mulher, era meu, vem com uma história: - E aí tio, esse regulamento era só pra nós, era? – e contava nos dedos – Você bebeu um monte de cerveja e não abasteceu a geladeira; chegou da praia de fogo e entrou em casa sem tirar a areia dos pés; ficou cantando no karaokê até três horas da manhã; perdeu a chave da casa, lá na praia; E você, ainda, não levou protetor solar e usou o do meu pai. Só nós que *tinha* que seguir as regras, era?

Aquilo me ferveu o sangue. Só podia ser por instruções da minha cunhada, que aquele pirralho não tinha nenhum senso de observação. Enfurecido, falei: – Você me respeite! Eu sei muito bem que a sua mãe te deu educação – espinhei – E olha aqui, o ano que vem não tem regulamento que, espero, todos já aprenderam a se comportar como gente. – Rasguei o regulamento, falando um bravo: – Vamos embora, mulher!

Zé Pinguinha - um professor todo atrapalhado

Autor: Adenis Rocha Sousa – 13 anos

Professora: Andréia Pereira Flores

Escola: Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Cidade: Condeúba-BA

Certo dia, Zé resolveu contar um pouco de sua história. São sempre as mesmas, todo mundo já sabe, pois são daquelas que não acabam mais.

Sentou-se com amigos e começou desde o dia de sua vida com a cachaça e o dia em que resolveu fazer um concurso para professor.

A vida com a bebida começou com o incentivo do pai, que desde cedo lhe dava um gole. Já o caso do concurso é mais profundo. Ele não estudou nada e no dia da prova tomou uns goles...

Não é que o danado conseguiu ser aprovado! Imagine só as aulas.

Em matemática resolveu ensinar aos alunos medidas e imagine o que ele levou: um litro de pinga. Calculava em copos e explicava como era feita.

Em geografia mostrou os melhores bares da região.

Em história contou a história da cachaça.

Em inglês colocou várias palavras nesse idioma: cachaça, cerveja, copo, dose etc.

Na verdade, ele falou do mundo do vício e se esqueceu da pedagogia do amor. Ele se atrapalhava todo nas aulas, sem contar que um dia chegou embriagado na escola.

Os pais, ao saberem desse professor, resolveram tomar uma providência: a saída dele. E foi isso que aconteceu.

O caso serviu de alerta, pois se descobriu que ele nem formado era e conseguiu ser aprovado no concurso. Serviu para refletir. Que sistema de seleção nós temos?

O vereador Brasil

Autor: André Miranda Silva – 13 anos

Professoras: Ana Lúcia de Oliveira Alves - Maribel Elaine Martin

Escola: E.E. Professor Flávio Gagliardi

Cidade: Sorocaba-SP

O vereador José Brasil fez uma excelente festa para comemorar a eleição.

- Eu sou contra qualquer tipo de discriminação. Todo mundo é igual. Por isso tem um lugar reservado, um cantinho especial para os mais pobres.

Se por acaso um dos pobres fosse pegar uma bebida, o vereador “amigavelmente” o levava de volta ao “cantinho” e lhe servia um copo de água da torneira.

- Eu também sou contra o racismo. Tem um cantinho separado só para os negros!

E, se por acaso um negro ia para a beira da piscina, o vereador o levava de volta para o “cantinho”, indicava um balde com água e dizia: “Fique à vontade.”

- Eu também arrumei condução para os meus eleitores pobres de pé no chão. Na saída, todos receberão dinheiro para o ônibus!

No dia seguinte, a cidade comentava que “José Brasil é o vereador que não tem preconceito” e dizia “José Brasil é o vereador dos excluídos.”

Juca conectado

Autora: Beatriz Cardoso Silva – 12 anos

Professora: Silvia Maria Didone

Escola: E.E. Dr. Celso Gama

Cidade: Santo André-SP

Depois de Juca ter se sacrificado fazendo cursos de caligrafia e se diplomado em datilografia para absolutamente nada, já que no mundo de hoje é necessário ter conhecimento de Word, Excel e internet, Juca decidiu se atualizar, ficar por dentro da era virtual.

Mas essa decisão lhe custou caro. Três meses depois de ter comprado um computador já estava viciado, amando a vida virtual.

Até aí, tudo bem, é normal depois de “conhecer” a internet esquecer um pouco do mundo real, só que Juca se esqueceu completamente... até de trabalhar ele se esqueceu.

Quando Juca viu o que havia acontecido, era tarde demais. Viu-se gordo, com barba mal feita, numa casa toda suja e bagunçada, desempregado e, principalmente, sozinho.

Foi pegar um papel para escrever alguma coisa e viu que sua letra parecia com a de uma criança de sete anos.

Então, chegou à conclusão de que tudo bem gostar de jogos on line e redes sociais, mas não esquecendo que a vida social é também de extrema importância.

Problemas à parte, Queixada se elege vereador

Autor: Breno Fernandes da Cruz – 13 anos

Professora: Rogéria Maria Alves Pimenta

Escola: E.E. Professora Geralda Otoni Barbosa

Cidade: Capelinha-MG

Como de costume, aos sábados, reuniram-se no bar do Magrão vários amigos para tomar uma pinguinha e falar de mulheres e futebol. Mal sabiam eles que do outro lado da cidade estavam suas esposas, gastando todo o limite do cartão, além de juntarem-se para criticar os respectivos maridos.

Mas esse era um dia especial. Todos, incluindo as mulheres, esperavam pelo resultado da eleição do Pastor Queixada e bebiam uma pinguinha para tentar esquecer os problemas.

Neilando 2000 só pensava em pagar as contas para começar o novo milênio com o pé direito.

Januário, de joelhos, pedia desculpas à mulher quase todos os dias pelo atrevimento de ter gritado com ela.

Belarmino não queria nem saber de carnaval e tentava reconquistar a mulher que perdera após uma briga.

O prefeito, com mania de grandeza, procurava construir em sua cidade com apenas três ruas, oito casas, um restaurante e um bar, um estádio de futebol para receber a final da Copa do Mundo. Como sonhava. Coitado!

Mas, problemas à parte, todos esperavam pela eleição do

Pastor Queixada, que por sua vez, prometeu a todos a solução de seus problemas, mesmo sabendo que seria praticamente impossível cumprir essa promessa.

A tensão tomou conta do bar do Magrão no momento em que os votos começaram a ser apurados e algumas horas depois saiu a esperada notícia de que Queixada havia sido eleito.

A tensão deu lugar à alegria e a pinga rolou solta, e, apesar de ter negado, acredito que naquele dia até o Pastor Queixada relembrou os velhos tempos e bebeu uma pinguinha.

Agora, só resta a ele torcer para que todos encham a cara e se esqueçam de suas promessas impossíveis.

Para sempre Zé Pinguinha

Autora: Évelin Cristina Sloboda – 14 anos

Professoras: Marília Prestes Silva – Rosely Souza de Brito

Escola: E.E. Professor Ezequiel Machado

Cidade: Sorocaba-SP

Quando Zé Pinguinha chegou no céu tratou logo de fazer amigos.

Conversou com São Marcos, São Francisco, e não esperou muito para perguntar onde tinha um bar. Quando São Pedro disse que no céu não tinha bar, Zé Pinguinha queria morrer, mas lembrou que já estava morto!

Zé Pinguinha então teve uma ideia! Voltaria para a Terra todas as noites para poder beber. Quando já estava tudo certo para ir até a Terra, apareceu São Marcos ordenando que ele não fosse.

Ficou seriamente deprimido. O que seria de Zé Pinguinha sem o bar? Pensou até em mudar de apelido para Zé da Seca.

Todos no céu se preocuparam, porém Zé Pinguinha nunca tinha ficado deprimido e tão triste. Foi então que resolveram fazer uma reunião. Decidiram deixá-lo buscar sua pinguinha todas as noites e assim ele ficou feliz e satisfeito em estar no céu. Deixou de ser Zé da Seca e virou Zé Pinguinha novamente. Aquele que sempre andava cambaleando e com uma pinguinha ao seu lado. Isso por uns tempos pois,, envergonhado, vendo que ninguém mais bebia, deixou de beber.

Duas realidades? Ou um Brasil de duas faces?

Autor: Gibson Souza – 15 anos

Professora: Rosângela Meira de Oliveira

Escola: Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Cidade: Condeúba-BA

Sem dúvidas, em um país continental como o Brasil, manter a homogeneidade não é uma empreitada tão fácil, pois até mesmo a língua oficial, a portuguesa, tem lá as suas particularidades e características de acordo com a cultura regional ou local.

Como explicar tanta disparidade em um país tão rico? Ah! Pensando bem, enquanto a corrupção reinar, o dinheiro dos trabalhadores honestos escoar pelos ralos e crianças deste imenso país crescerem sem acesso a uma educação de qualidade, privando-as de crescer e evoluir culturalmente, haverá sempre dois Brasis.

Na atualidade, o crescimento econômico e as mudanças de classes sociais formam um cenário promissor para transformar os dois Brasis em um só, convergindo às realidades. Então, ao invés de ser conivente com desvios de verbas e abusos de poder, é hora de um basta, é urgente que os representantes legais deem ao povo muito mais do que bolsas e auxílios, pois conhecimento e cultura são ferramentas para a vida inteira.

As questões como saúde, trabalho, violência, desigualdade

social, miséria e os avanços da ciência e da tecnologia, como também os direitos, a proteção ou a devastação do meio ambiente são problemas contemporâneos que atingem de alguma forma a vida de qualquer ser humano e não podem ficar do lado de fora das discussões da escola.

Dessa forma, com cultura e educação é que será possível transformar este país continental em um só. Portanto, que os poderosos homens olhem verdadeiramente para os interiores do país e para si mesmos, fazendo o que já deviam ter feito: transformar esses dois Brasis e suas duas realidades em um verdadeiro país de oportunidades iguais, pelo menos em termos de educação e cultura.

Zé Pinguinha ressuscita

Autora: Isabelle Costa Bueno – 11 anos

*Professoras: Daniela Miranda Marques – Cleide Aparecida
Brisola de Almeida*

Escola: E.E. Professor Genésio Machado

Cidade: Sorocaba-SP

O Zé Pinguinha estava morto. No céu ele dizia:

- Ai! Até depois de morto estou cansado. Mas aqui não tem pinga?

- O que é pinga? - um anjo perguntou.

- É uma bebida muito gostosa, que resolve qualquer coisa.

Você, anjo, não quer provar?

- Mas aonde tem?

- Na Terra.

- Vou falar com Deus para ver se eu posso ir à Terra pegar pinga.

Depois que o anjo falou, Deus disse:

- Ah! O Zé falou que é bom. Se vocês acham que é melhor que água, pode ir buscar.

- Estou descendo - disse o anjo.

Minutos depois, Zé Pinguinha encontra com o anjo.

- Nossa, anjo! Você trouxe a pinga. Que delícia essa pinga, né? Ela é danada ou não?

- Nossa! Que delícia mesmo. Mas não sei, estou com sono!

Oh! Deus, o senhor não vai provar mesmo? - Deus disse:

- Não, já sei o que esse negócio provoca. Vou fazer uma votação entre vocês. - E Deus continuou:

- Então, todos vocês gostaram da pinga, mas diminuíram o trabalho e estamos com problemas no céu. O Zé vai embora para ressuscitar. Tchau.

- Eu vou, mas volto um dia.

“Tá” chegando o dia, aleluia!

Autor: Ivan Sterling Pires – 11 anos

Professora: Lourdes Filomena Andriozzi de Oliveira

Escola: E.E. Dr. Celso Gama

Cidade: Santo André-SP

O jantar de confraternização está marcado para quarta que vem. Avisei que iria com certeza. Se for igual ao de sempre, pode ter certeza absoluta que não vão se arrepender.

O Dilermando como é muito caridoso, dará uma carona para Clotilde que aceitará a oferta com muita gratidão.

O patrão, com certeza, fará um ótimo discurso e nos presenteará com aquele ótimo vinho siciliano que eu adoro. Assim que receber, vou falar: “Nossa, não precisava me presentear com este vinho tão bom e caro!”

Edilei vai ficar muito alegre e começará a dançar com todos.

Infelizmente, vou ser o primeiro a sair, então terei que aproveitar ao máximo esse jantar, porque tenho consulta marcada no dentista!

Já chegaram os cartões de Natal do banco desejando-me felicidades. Que bom senso! Por causa deles consegui um desconto em todas as minhas compras no mercado e ainda me presentearam com isso.

Meus sobrinhos e meus filhos serão muito educados como sempre foram.

Meu cunhado, com sua genialidade, começará a ter uma conversa muito complexa.

Como sempre, irei comer e beber moderadamente, e, olha amigo, vou aproveitar esse dia ao máximo. Sem dúvida, seria um milagre se tudo que estou contando a vocês fosse verdade. Aleluia!

O chulé do Pé Grande

Autora: Jéssica Marina Silva Gomes – 13 anos

Professoras: Zilda Aparecida F. Rosas – Regina de Fátima Matavelli Lourenço

Escola: E.E. Dr. Júlio Prestes de Albuquerque

Cidade: Sorocaba-SP

O Pé Grande foi chamando por seus amigos Zé e o Juninho para jogar bola. Chegando ao campinho montaram o time: Pé Grande ficou no gol, Juninho e Zé na zaga.

E o jogo começa, tem cada passe de bola, e é um caindo de lá, de cá. O campo estava cheio de lama porque um dia antes deles irem jogar tinha chovido muito.

O time adversário contra-ataca, Zezinho chuta pra Luizinho que chuta pra João que tenta chutar pro gol, mas acaba escorregando na lama. Na hora que João cai, Pé Grande tenta chutar a bola pra frente e o que acaba indo é o tênis dele. Quando veem o tênis de Pé Grande voando parecia um passarinho fedido.

E o Juninho, que estava com a cara cheia de barro, não vê que era o tênis do Pé Grande e não a bola que voava em sua direção, domina de peito e chuta pro gol. Quando o tênis bate na rede do gol, ele começa a gritar: “GOOOOOL! – E todos saem correndo do campinho, porque quando o tênis bateu o chulé dele subiu e infestou o campo inteiro.

Relacionamento pela internet

Autora: Jéssica Rodrigues de Sales – 14 anos

Professoras: Eliane de Fátima Ribeiro Pereira – Roberta Luise Mantovanni

Escola: E.E. Professora Genézia T. C. Mencacci

Cidade: Sorocaba-SP

Helenilda sempre adorou estes sites de relacionamentos. Em seu perfil está aquela foto de cinco anos atrás e ainda é daquela festa de casamento quando ficou o dia inteiro no cabeleireiro para se produzir. Na foto ela está uns anos mais nova e o sobrenome é aquele que todo mundo acha bonito, mas não é o seu verdadeiro.

Eu acredito que 90% destas pessoas que ficam neste site nunca é o que dizem no perfil, com certeza é aposentado(a), pois ninguém que trabalha ou estuda fica 24 horas no computador. Mas Helenilda estava confiante de que iria arranjar um namorado pela internet, então adicionou uns 50 homens que “diziam ter” 30 a 35 anos.

Helenilda conversou com todos eles, 30 já estavam descartados, pois mentiam tão mal que até ela percebeu. Os outros 19 estavam razoáveis, mas havia um que morava na mesma cidade que ela, que tinha os mesmos gostos e dizia ter adorado Helenilda.

Combinaram de se encontrar. Ela toda empolgada se produziu inteira para ficar mais ou menos parecida com a foto do seu perfil.

Chegando lá uns cinco minutos depois para não dar aquela

impressão de “tô na seca”, avista uma camisa azul marinho que ele havia dito que iria usar. Começou a achar aquele jeito meio familiar, quando olhou em seu rosto, pronto! Era seu ex-namorado, que é ex por ter beijado a dançarina do bar na sua frente, porque estava bêbado. Na verdade, dava até dó do cara, ele realmente havia se arrependido daquilo, mas Helenilda não tinha se esquecido. Deu um tapa na cara do coitado e foi embora com o pensamento de nunca mais ter relacionamentos pela internet. Era de se esperar, pois quando a oferta é muito boa, até o santo desconfia, não é?

O encontro de Zé Pinguinha e Queixada

Autor: Julio César Masnello – 11 anos

Professora: Tatiane Fabro Cyrino Galante

Escola: EMEB Iracy Bertochi

Cidade: São Pedro-SP

No dia 25 de dezembro, Natal, havia um culto na igreja “A Voz do Senhor” com um convidado especial, o pastor Queixada.

O culto começou e Queixada observou, discretamente, no bar que ficava em frente à igreja, muitas pessoas bebendo, fumando e comendo. Pastor Queixada viu um homem com uma garrafa na mão, de boné velho e uma blusa rasgada. Era Zé Pinguinha entrando no bar para comprar uma “gelada”.

O culto acabou e o pastor Queixada foi para o bar saber se a cerveja era boa e também para fazer novos amigos. Ele senta-se ao lado de Zé Pinguinha e pergunta:

- Qual é o seu nome?

Zé Pinguinha responde:

- Não me chame pelo nome, me chame de Zé Pinguinha. E o seu nome, qual é?

Queixada fala:

- Não me chame pelo nome, me chame de Queixada, você não me conhece? Sou o famoso pastor Queixada!

Zé Pinguinha fala:

- Não me ligo muito nesse negócio de igreja, mas sim em bebidas. Comecei a beber quando meu pai morreu, tinha aca-

bado de me formar em direito: como ninguém me impedia, eu bebia mesmo. Hoje só tenho meus amigos e minha casa, mas sou feliz.

Nisso, Queixada fala:

- Eu também bebia, comecei após os 18 anos, pois para menores é proibido. Quis beber porque meu pai também bebia e eu achava bonito beber cerveja. Eu estava desempregado e não conseguia trabalho, pois era alcoólatra. Foi quando passei perto de uma igreja e comecei a frequentá-la. Com o tempo, parei de beber e me tornei pastor.

O bar fechou e Zé Pinguinha pegou uma carona com o pastor Queixada, que alegando ser muito tarde, convidou-o para dormir em sua casa

Alguns dias depois, o Zé já estava usando um terno, gravata e não se metia com bebidas. Conseguiram um emprego e o Queixada falou:

- Zé segura a oportunidade que Deus está dando para você!

Com o tempo a vida de Zé Pinguinha mudou. Hoje ele é conhecido como Dr. José Roberto, advogado.

Neilando, versão 2010

Autora: Laiane Laís Pinheiro Pontes – 13 anos

Professoras: Simone Vêloso S. Souza - Juliana Rodrigues Moraes

Escola: E.E. Rafael Orsi filho

Cidade: Sorocaba-SP

Meu tio, que se chama Neilando, nunca foi de deixar meus primos fazerem festas em casa. Na opinião dele, festas geravam bagunça e gastos financeiros desnecessários. Porém, uma vez deu uma loucura nele e liberou a festa.

Chamou tia Clementina e meus primos e fez o pronunciamento que os alegrou muito.

Minha prima não perdeu tempo, correu para o telefone e me ligou. Fomos comprar as coisas para os preparativos e arrumamos a casa muito rapidamente com medo que titio mudasse de ideia. Parecia até que tinha acontecido uma grande mágica.

Chamamos todo mundo da vizinhança. Para você ter noção, compareceram a Joanelha, o Belarmino e a Helenilda, que deu outra grande virada se separando do Girlei.

Esta festa foi demais! Tiramos um monte de fotos. Meu tio conversou e dançou com todo mundo. Minha tia ficou mostrando seus apetrechos de porcelana para as amigas e minha prima pôde ficar com um garoto sem a implicante intromissão do meu tio.

Esse foi um dia muito especial na vida da minha família.

Difícil de acreditar, né? Mas meu tio se tornou outra pessoa. Acredito que seja influência da mudança de década.

Uma amizade até depois do fim

Autora: Loyes Lenne Dias da Silva – 17 anos

Professora: Maria José Ferreira Leite

Escola: E.E. Jordina Amaral Arruda

Cidade: Sorocaba-SP

Nós, meros mortais, sempre nos perguntamos: “Por que estamos aqui? Por que vivemos e por que morremos”? Embora muitas perguntas, a maioria delas não foi e nem será respondida, não da forma que gostaríamos. Eu sou Dr. Sebastião, ou só Tião se assim preferir.

Tive contato com a morte muito cedo, não que eu esteja morto, nem nada disso. Quando criança, tive um problema no coração e seria preciso uma cirurgia de urgência. Mas isso não era o que mais me assustava, e sim os vultos que eu via todos os dias, e o mais aterrorizante de todos: um leopardo negro de uns dois metros de altura, que usava calças azuis e prata, possuía duas tulipas entrelaçadas, cravadas em seu peito, tão vermelhas quanto seus olhos. Onde quer que eu fosse lá estava ele, me seguindo, me observando, sem dizer uma única palavra. Cheguei a pensar que estava enlouquecendo com apenas treze anos de idade. Só parei de ver essas coisas depois que fiz a cirurgia. Eu rezava todos os dias para que elas nunca mais voltassem, mas querer não é poder.

A última vez que vi o leopardo foi no enterro do meu amigo Zé. Ah, Zé, ele era incrível. Eu o conheci no hospital. Assim

que acordei da cirurgia abri os olhos e Zé foi a primeira pessoa que eu vi: “Oi, eu sou Zé”, disse ele tão animado que logo me senti à vontade.

O tempo passou e nós crescemos. Enquanto eu estudava para passar em medicina, ele jogava bola com o mulherengo do Dilermando e a garotada da rua. Não posso negar que sentia inveja dele. Zé sempre dizia que a vida era muito curta e não podia perder tempo; então um dia ele se foi, simplesmente se foi. No enterro de Zé pude ver o leopardo negro, parado ao lado do caixão do meu amigo. Ele me olhou, me deu as costas e desapareceu como fumaça. De repente, o céu escureceu, uma neblina densa surgiu, mas se dissipou logo, revelando os vultos parados ao lado de lápides cinza, as poucas pessoas que havia ali sumiram. Senti um choque no meio do peito e caí de joelhos, perdi o ar por alguns segundos, ouvi um rugido, olhei para trás e vi o leopardo caminhando na minha direção. Ele foi diminuindo e se transformando no meu amigo Zé. “Desculpa, meu amigo, só queria me despedir de você e agradecer, é hora de voltar.” Dizendo isso, Zé voltou a ser o leopardo e os vultos o cercaram; em seguida fui cegado por uma forte luz branca, acordei no chão do cemitério cercado por paramédicos. Depois daquele dia nunca mais vi Zé, o leopardo.

Na vida nunca temos cem por cento de certeza de nada, mas de três coisas eu sei. Primeiro: Zé sempre esteve comigo, mesmo antes de nos conhecermos. Segundo: ele era um ceifeiro, um coletor de almas que veio me buscar na infância, mas por algum motivo mudou de ideia. Terceiro: eu quero vê-lo novamente, mas espero que demore mais um pouco.

Morte. Eu não tenho medo dela, pelo contrário, sou sua amiga. Tudo bem se não quiser acreditar na minha história, leitores. “Acredite se quiser!”

Acredite se quiser!

Autora: Luana Cristina de Brito Santos – 14 anos

Professora: Rita de Cássia Provazzi Costa

Escola: E.E. Dr. Celso Gama

Cidade: Santo André-SP

Festa com a família. A melhor época é no fim de ano. Acontece de tudo.

É quando se juntam os cunhados, os irmãos, os primos e os filhos. Tem idoso e tem jovem, tem tudo que se possa imaginar. Não consigo acreditar como foram aparecer tantas pessoas diferentes numa mesma família e em um mesmo lugar.

A tia loira dá opinião sobre o cabelo da tia morena, a cunhada ruiva acha que é a mais bonita da família. É tio que fica bebendo e cantando, sujando todo mundo com a mão suja de carvão e dando bronca nas sobrinhas de short curto. O avô não está nem aí para a bagunça e dorme no sofá mesmo. As crianças comem com a boca aberta e os primos mais velhos reclamam por ter de ver aquilo. A avó quer ouvir sertanejo antigo e o mesmo CD de todos os anos.

É uma gritando e outros correndo. É um falando e outra se intrometendo. É um cantando e outro reclamando. É um caindo e outro rindo.

Mas o que realmente vale é a união entre os familiares e as melhores fotos no álbum da família quando no começo do outro ano todos darão risada e reclamarão que a foto de fulano estava nas melhores cenas.

Mas é mesmo assim. Acontece nas melhores famílias. Acredite se quiser!

Zé Pinguinha praticando esportes

Autor: Lucas Vicente Martins Lopez – 11 anos

Professora: Tatiane Fabro Cyrino Galante

Escola: EMEB Professora Ricarda de Paiva Lima Berzim

Cidade: São Pedro-SP

Era um lindo dia, e Zé Pinguinha com aquela vontade de praticar esportes.

Ele se inscreveu para a maratona que iria ocorrer na cidade e começou a treinar.

Então foi para a academia do Magrão, treinando e se esforçando até que o dia da corrida chegou.

Zé Pinguinha estava com aquela força de touro, tudo que aparecesse à sua frente, ele enfrentava.

Na maratona, conheceu um amigo e escutavam o homem que dava a largada falando:

- Vocês terão duas missões na corrida: uma é correr e a outra vocês terão que descobrir.

Colocaram-se em suas marcas e começaram a correr. Zé Pinguinha parecia um foguete na frente de todos.

As ruas estavam cheias de buracos e era difícil correr. O amigo do Zé caiu. Zé voltou, foi ajudá-lo, e o amigo falou:

- Por que você está me ajudando? Vai perder a corrida!

Zé disse:

- Não importa. O que importa é a amizade.

Eles saíram correndo e chegaram na frente de todos os concorrentes.

O narrador da corrida falou:

- Os vencedores são Zé Pinguinha e João, porque eles cumpriram as duas tarefas: correr e ajudar uns aos outros.

Eles ficaram muito felizes e fizeram uma grande festa.

Quem diria, pastor Queixada foi derrotado

Autor: Lucas Vinicius Ferreira – 13 anos

*Professoras: Aparecida Lucia Feitosa – Angélica de Souza
Claudio da Silva*

Escola: E.E. Professora Dulce Esmeralda Basile Ferreira

Cidade: Sorocaba-SP

Confiante em sua vitória, o pastor Queixada, realizou uma baita festança! Mas caiu do cavalo. A eleição para vereador aconteceu domingo passado. O pastor Queixada (o melhor concorrente) perdeu para um vereador mais jovem.

Não adiantou um monte de santinhos, discursos exuberantes prometendo mundos e fundos. Nem promovendo grandes festas de arrebentar a boca do balão conseguiu alcançar a vitória desejada.

Queixada, quando soube o resultado, saiu metendo a boca no trombone, culpando os seus “fíéis”, gritando:

- Os que votaram em mim serão salvos e irão para o céu junto a Deus, mas ai daqueles que não votaram. Serão condenados e irão para as profundezas do inferno!

Na segunda-feira, Queixada recebeu a visita de vários cobradores... dos santinhos, do som, das faixas, painéis, das cestas básicas, da dentadura que prometeu a um fiel, da...

Sem dinheiro, Queixada, não conseguiu pagar suas dívidas, o aluguel da casa e da igreja. Sua dívida era tanta que seu nome

foi parar no SERASA.

Nessa semana, disse que ia procurar emprego porque o salário da igreja não dava para suprir suas necessidades e pagar suas dívidas. Quem puder antecipar o dízimo da igreja ele ficará muito grato!

Pastor Queixada e Pé Grande

Autora: Maria Clara Silva Conceição – 13 anos

Professora: Adriana Eloisa Gabriel

Escola: E.E. Professor Luiz Gonzaga de Camargo Fleury

Cidade: Sorocaba-SP

Fui a mais uma celebração do pastor Queixada, cantamos, celebramos, oramos... E veio mais um dar seu testemunho, de longe parecia ser o Pé Grande, mas nem me surpreenderia se realmente fosse. O cara se apresentou como Moacir contando que tinha sido curado de câncer, após ter começado a pagar o “carnê do céu” que Queixada havia oferecido há dois meses.

Enquanto suas palavras adentravam no meu ouvido direito e saíam pelo esquerdo, reparava em Moacir, e vi então uma cicatriz na mão que só o Pé Grande tinha daquela maneira. Mais uma vez, por impulso, gritei: “Pé Grande é você?” De novo foram tirar um tal espírito que habitava em mim.

Acabou o culto e fui para casa dormir cedo, pois no dia seguinte teria o discurso de Queixada para vereador.

No discurso, Queixada começou a falar que era um homem do povo, que tinha planos para a comunidade e coisas do tipo. Queixada foi interrompido por um telefonema e o pouco que eu entendia era “Calma, vou dar a sua parte... não precisa vir até aqui”. Desligou o celular, pediu desculpas e continuou seu discurso.

Passaram-se cerca de vinte minutos e apareceu Moacir (para mim ainda era o Pé Grande), empurrou Queixada do microfone e começou a falar: “Não acredite no que ele fala!

Ele é um mentiroso, não é pastor coisíssima nenhuma, todos os testemunhos dados eram falsos. Aquele tal de “carnê do céu” que vocês pagam vai tudinho pra ele...” Até que um homem no meio da multidão gritou: “Pega ele!” Pé Grande, por um momento sorriu até que percebeu que era para pegar ele mesmo. O homem que gritou, segurou a cabeça de Pé Grande e dizia: “Em nome de Jesus, saia!”. Enquanto Queixada gritava “Olhem o que acontece quando você não paga o “carnê do céu!”

Apostas no futebol

Autora: Mayara Moreno dos Santos – 14 anos

Professoras: Maria José Ferreira Leite – Márcia Sueli Ribeiro de Moraes

Escola: E.E. Professora Jordina Amaral Arruda

Cidade: Sorocaba-SP

O futebol sempre lhe chamou a atenção. Na verdade, desde criança ele se via nos estádios marcando aquele gol de bicicleta nos últimos minutos e a torcida gritando o seu nome “Roberval, Roberval...” Mas ficou só no sonho mesmo, por não ser habilidoso o suficiente. Porém nunca deixou de apostar com os amigos os resultados dos jogos.

Recentemente ele estava desempregado e não tinha grana para pagar aquela branquinha no final do dia. Para solucionar esse problema fez um acordo com o pessoal do bar do Magrão. Quem acertasse os resultados dos placares receberia como prêmio uma semana grátis de bebidas no bar, e, é claro, caberia ao derrotado pagar a conta.

Rapidamente a fama de Roberval se estendeu, nem o próprio imaginava tamanha repercussão. Ele se encontrava no auge de sua vida, sendo valorizado por muitos e admirado por todos (mas sabe como é que é, né, caro leitor, a fama sempre sobe à cabeça). Já não era mais o mesmo com os seus verdadeiros e velhos amigos que ficaram esquecidos em sua memória.

Até que numa quarta-feira, dia em que o Magrão mais faturava devido à movimentação, chega ao bar um sujeito estranho, totalmente desconhecido do ambiente, que acabou tomando para si o desafio de enfrentar Roberval (agora mais conhecido como “o vidente do futebol”) nas apostas. Então,

ambos deram seus palpites para o jogo. Roberval torcia por um dos times.

O resultado foi obviamente inacreditável, ninguém esperava. Roberval tragicamente errou no palpite por ter dado preferência à emoção do que aos conhecimentos técnicos do futebol ao não admitir que seu time era inferior ao do oponente.

Resumindo, prefiro o Roberval atual: um cara humilde, sem grana, ainda devendo uma semana grátis de bebidas ao estranho e na dúvida se chora por sua fama arruinada ou pela derrota de seu time em um campeonato importante. Mas ele persiste...

Casa comigo... de novo?

Autora: Nathália Corrêa Caires – 13 anos

Professora: Adriana Eloisa Gabriel

Escola: E.E. Professor Luiz Gonzaga de Camargo Fleury

Cidade: Sorocaba-SP

Depois daquela história de Joanita querer se separar, eu decidi que tinha que salvar meu casamento.

Peguei meu carro e saí pelas ruas procurando uma floricultura qualquer e um belo presente para minha mulher. Fui ao mercado, comprei tudo do bom e do melhor para preparar um banquete para Joanita.

Fui para casa e comecei a preparar tudo. Enquanto o talharim cozinhava e o molho fervia, resolvi arrumar a mesa.

Flores, toalha de algodão, copos, pratos e talheres e, para dar um toque romântico, joguei algumas pétalas de rosas na mesa. Estava tudo perfeito, a cara dela.

Terminei o jantar, e enquanto o pernil assava fui rapidamente para o banho, pois meu tempo era curto. Saí do banho às pressas, me vesti como um príncipe, passei um perfume e voltei aos meus afazeres.

Tirei o pernil do forno, terminei de pôr a mesa quando ouvi o ronco do motor: era ela!

Peguei o vinho, coloquei-o na mesa e fui abrir a porta. Joanita devia estar cansada de ver meu rosto por tantos anos e eu me surpreendi porque ela sorria naturalmente, mas já chegou

me questionando: “Belarmino o que é isso, ou aquilo?” Esse é o maior defeito dela.

Sentamos, tomamos um copo de vinho e ficamos conversando por horas e horas, então lancei a pergunta: “Casa comigo de novo?”

Eternos pingüços

Autor: Paulo Henrique de Sá Teles Júnior – 12 anos

Professora: Simone Loner

Escola: E.E. Sérgio Milliet da Costa e Silva

Cidade: Santo André-SP

Quem disse que “Zé Pinguinha” morreu está totalmente errado. Zé Pinguinha está vivo nos nossos corações, e é por isso que sempre digo e até a morte direi: “Quem bebe muito, cedo morre.” Aqui estou eu. Hoje em dia me chamam de “Perneta”, já bebi muita pinga, vodka e cerveja.

Bebida alcoólica quase me custou a vida. Estava eu em casa assistindo à televisão, no caso o programa do Gugu, quando ouvi a campanha tocar. Era “Queixada”, que hoje é pastor, me chamando para um bailinho daqueles, e eu que era um pingüço de primeira, aceitei o convite de vez. Fui para o bailinho com R\$ 100,00 e o Queixada com R\$ 120,00.

Chegando ao bailinho, perguntei para a balconista:

- A senhora tem troco pra cem?

Ela me disse com um sorrisinho acanhado:

- Sei que o senhor não vai beber de pouquinho em pouquinho, então, por que não senta neste banco logo à sua frente e bebe estes R\$ 100,00 em cerveja?

Eu que estava louco para beber uma, disse assim pra ela:

- Então “bota” aí que hoje não estou pra conversa.

Meu amigo Queixada não tinha exagerado na bebida, mas como eu sou um pingüço de primeira, bebi logo os R\$ 100,00 e ainda tive que pedir “vintão” ao Queixada.

Já muito louco decidi ir para a rua zoar um pouquinho. Fiquei no meio da rua “me achando”. Um carro a mais de 100

km por hora passou pela rua e o pior aconteceu: o danado conseguiu me atropelar e nem sequer parou para me ajudar. Minha sorte é que Queixada estava ali e chamou a ambulância.

Na chegada ao hospital, me colocaram numa maca e logo fui levado ao consultório do Dr. Márcio. Lá, ele me deu a notícia de que eu, “Perneta”, havia quebrado a perna.

Depois dessa notícia decidi nunca mais colocar uma gota de álcool na boca. Parece que isso deu certo comigo e com Queixada que virou pastor. Hoje em dia nem chego perto de um copo de pinga. Coitado do Zé Pinguinha que não deu a mesma sorte porque acabou morrendo com suas bebedeiras e seus problemas no coração.

E é por isso que agradeço sempre a Deus porque “É melhor perder uma perna do que uma vida.”

Nosso Brasil

Autor: Pedro Henrique Cardoso Navarro – 14 anos

Professoras: Diléia Placedino de Oliveira – Ivana Alves Lima

Quinágua

Escola: E.E. Professor José Odin de Arruda

Cidade: Sorocaba-SP

O mundo está em festa. É ano-novo. Mas além da “nova gordurinha” a mais que se ganha nas cervejas e “churras”, o que vem junto? Novo aumento de impostos, novas dívidas... e mais cobranças, é claro. Que fazer? Resta-nos encarar a realidade e apenas lamentar.

Seu Belarmino abre sua padaria e lê seu jornalzinho, como de costume. Na manchete: “Presidenta quer reorganizar a economia”. E mais uma vez a solução é cobrar ainda mais impostos. O bairro de Bom José é calmo e tranquilo, todos são amigos. Quarta-feira, dia em que se reúnem na padaria, começa a conversa sobre as notícias: “Você viu fulano, escondeu dinheiro na...” ia dizendo Pé Grande. Dona Gericilda já rebate: “Isso é de menos, dizem que o antigo presidente que está por trás de tal esquema...”. Zé Pinguinha, já bêbado, como de costume, diz: “Estão falando por aí que pode acontecer uma nova Revolução Francesa, só que no Brasil!” Joanita, com seu exagero: “Ai meu Deus! Qual será a nova Bastilha? Será que vai ter revolta? Deus nos livre...”

Palhaços no senado, corruptos no governo. Bem, esse é o Brasil em que vivemos! Maravilhas naturais e más intenções governamentais.

“Separados” parte 2

(A revolta de Joanita)

Autora: Stefanie Ingrid Pinto – 13 anos

Professora: Simone Loner

Escola: E.E. Sérgio Milliet da Costa e Silva

Cidade: Santo André-SP

Depois do “blecaute”, Belarmino concluiu que Joanita estava com a razão. Ele arrumou suas coisas e foi para a casa dela. Surpresa pela visita do marido, perguntou o que ele fazia ali. Belarmino respondeu:

- Amor, eu voltei para a nossa casa.

- Mas você não disse que a casa era minha?

- Sim, mas como estamos casados, achei que...

- Achou o que? Que poderia voltar depois de ter dito tudo aquilo? Olha, eu posso até lhe aceitar de volta, mas você terá de mudar algumas coisas no seu comportamento.

- Eu faço tudo por você, querida.

Eles entraram. Belarmino foi para a sala para saber quais seriam as mudanças. Joanita começou a falar:

- A partir de hoje você sofrerá tudo o que eu sofri suportando o seu mau comportamento. Você arrumará a casa e limpará toda a bagunça que eu fizer. Ah, só pra lhe lembrar, trarei algumas amigas aqui hoje para beber, fofocar e assistir alguma novela.

Após uma semana, Joanita reconheceu que ele já havia pago o castigo, e que fizera tudo corretamente. Disse ao marido que ele já poderia parar com a arrumação, desde que nunca mais fizesse isso novamente, senão ele sofreria. Só que agora seria o dobro.

Belarmino aceitou e disse que castigo pior que esse, não há.

Os amores de Zé Pinguinha

Autor: Ylles Campioni de Andrade – 13 anos

Professoras: Valéria Amorim – Roseli M. Basselloto Menon

Escola: E.E. Professora Escolástica Rosa de Almeida

Cidade: Sorocaba-SP

Na minha morte, enquanto todos me velavam, eu só conseguia pensar em uma coisa, uma não, em três coisas que com certeza eu sentiria muita falta, meus três amores.

A primeira era branquinha, eu ia todos os dias com ela pra cama, abria sua tampa, dava umas goladas e dormia muito, seu nome era Caipirona.

O meu segundo maior amor era uma moreninha deliciosa, ela estava todo dia na minha cozinha, de manhã, à tarde e à noite. Sempre que eu tirava a tampinha dela, degustava-a inteirinha, era ali mesmo que rolava a Paixão. Ah! Que sensação deliciosa.

E, finalmente, meu terceiro maior amor era uma parda de cabelos claros, a veterana da cama, era a mais bonita de todas. A primeira vez que tomei um gole lembro que até perdi o equilíbrio, um carro quase me matou. Seu nome era Devassa.

Portanto, dá para entender por que estou aqui hoje. Aquelas ingratas que tanto amei me traíram, me deixando nesse estado.

Vida Muito Louca

Autora: Paula Háruma Shingo

Professora: Márcia Terezinha Gimenes

Escola Estadual Olavo Bilac

Ibiporã - PR

Meu nome é Carlos Alberto. Minha vida tem sido agitada e com problemas. Imagine, sou dono de um restaurante, jogo futebol, minha esposa é enfermeira e não para em casa; meu filho está na fase da “aborrecência”.

Bem, o restaurante tinha outro dono, até eu comprar o ponto. Arrependo-me, pois um tal garçom, chamado Esmeraldo, que já trabalhava no restaurante, é um poço de prejuízos, porque discute, o tempo todo, com os clientes.

Tento demiti-lo, mas ele vem com uma conversa que sou antiético e blá, blá, blá! Gosto de futebol. É muito bom, mas um jogador, lá do meu time, é muito ruim e, ainda, é o camisa dez! Um dia, um garoto gritou: “Tira o dez! Tira o dez!”. Ele tinha muita razão.

Amo muito minha esposa, mas quase não nos vemos. Um dia, marcamos um almoço e ela não apareceu. Estava atendendo a um paciente com problemas de “Veia fugitiva”. Isso ela disse, na hora do jantar, desculpou-se comigo e, depois, começou a falar:

- Estou muito preocupada com nosso filho, não sai do computador e só usa preto, preto e preto. Apenas fiz um sinal de “concordo” com a cabeça.

No outro dia, apareceram amigos do meu filho Thiago, que eram que nem ele. Não comentei nada, apenas pensei “Deve ser fase”, e pedi para Luandécia tomar conta deles.

Luandécia é nossa empregada e já trabalhou na casa de um amigo meu, que não disse o quanto ela dava trabalho. Que isso e aquilo e que reclama do trabalho e de tudo. O que ela ainda faz em casa? Boa pergunta!

Um dia, no meu trabalho no restaurante, um “cara” esquisito apareceu para almoçar. Esmeraldo foi atendê-lo e se deram muito bem. Um deles apontou para mim e deu risada. Esmeraldo voltou para a cozinha e disse:

- E aí Parreira!

- Como assim? Quer ser demitido?

Ele respondeu:

- Não, não! É que o “Maluco Beleza”, meu amigo ali, deu esse apelido a você. Tchau!

Bem, deu para ver, agora, que sou Carlos Alberto Parreira, atualmente, sou dono de um hospício, jogo futebol, minha esposa me ignora e meu filho é uma múmia hipnotizada pelo computador.

Um Bumbum equilibrado

Autora: Daniela Mariano Silvestre

Professora: Joseilda da Silva Assis

Escola: EMEF Cel. Joaquim Leite de Souza

Mogi Guaçu - SP

O garçom está servindo vários pratos deliciosos a todos os clientes do fino restaurante.

De repente, a sineta tocou e o garçom correu para pegar o pedido da mesa nove, que já estava atrasado. Enquanto passou em frente à mesa sete, ouviu uma fofoca que ficou de queixo caído.

Duas mulheres estavam comentando que a comida estava estragada e o garçom que, sem querer saber de conversa fiada, foi logo falar com elas.

- Moças, posso ajudá-las em alguma coisa?

- Pode sim! Você traz um prato de comida estragada e pensa que está tudo bem?

- Calma, você não precisa fazer este escândalo todo.

- Mas, garçom, reflita, você nos entrega um prato de comida totalmente estragado e, ainda, nos diz para ter calma. Ora, essa!

Então, o rapaz, na tentativa de buscar uma conciliação, argumenta:

- Olha, eu apenas mando o pedido à cozinha, e o comando é lá dentro. Você não viu que, quando tocou a sineta, eu corri para apanhar o pedido? Agora, vocês me dão licença que eu preciso levar o prato da mesa nove.

Nisso, o garçom saiu para levar a bandeja com a refeição até a mesa nove; mas, quando estava na metade do caminho, escorregou e caiu com o bumbum no chão. Essa foi uma das cenas mais impressionantes que eu já presenciei em restaurante, pois, mesmo levando um baita tombo, ele conseguiu segurar a bandeja e o pedido chegou arrumadinho ao seu destino.

O encontro amoroso de Luandécia e Zé Pinguinha

Autora: Juliana Duarte Costa

Professora: Jeanette N. Fukushima

E.E. Prof. José Sergio Pereira

Itapevi - SP

Luandécia estava procurando por um namorado em uma página de relacionamento na internet. Ela fez seu perfil e ficou aguardando uma resposta. No outro dia...

- Ai meu Deus! Alguém respondeu, vamos ver quem é... “Bonitão 007!” Nossa parece, ser bacana e bonito, vou responder:

- ”Bonitão 007”, eu sou a “Rainha Branca”, quero muito te conhecer, que tal a gente marcar um encontro? Espero por sua resposta.

Depois de um dia, Zé respondeu:

- Rainha Branca, aceito o seu convite, segue o endereço do “Bar do Magrão”, esta noite?!

Eu estarei todo de branco com um copo de pinga na mão, por favor, traga uma garrafa de pinga, pois só assim saberei que é você.

Luandécia, sem questionar, aceitou. A noite, no lugar combinado, estava o maior “agito”; nisso, chega Luandécia procurando pelo “Bonitão 007”, de longe, vê uma pessoa com copo de pinga na mão e com vestes brancas. Então,

aproximou-se e pergunta para o homem que estava de costas:

- Bonitão 007?

- Sim, sou eu. Disse ele, virando-se.

- “Zé Pinguinha!” Disse Luandécia decepcionada.

- Luandécia é você?! Com o mesmo ar de decepção – responde o Zé.

- Você não pode ser o “Bonitão 007!”

- E você não é a “Rainha Branca”, eu imaginava um “mulherão”!

- Tá, tá bom, nem tudo está perdido, que tal você me dar essa garrafa de pinga?

- Ah, é, você quer...então toma!

Luandécia quebra a garrafa na cabeça do “Zé Pinguinha”.

Ai, ai, ai doeu! Pra que desperdiçar a boa pinga?!

- Eu vou embora, não quero mais ver tua cara. Respondeu Luandécia, muito brava.

Então, “Zé Pinguinha” continuou no “Bar do Magrão” e Luandécia nunca mais entrou numa página de relacionamento.

Casa de Praia - a vingança

Autora: Laura Eloá dos Reis Ferreira

Professora: Simone Loner

E.E. Sérgio Milliet da Costa e Silva

Santo André - SP

E, para minha infelicidade, nenhum amigo, parente ou conhecido comprou uma casa na praia e, de tanta insistência da minha mulher e de meus filhos, acabei não vendendo minha casa.

Como deixar as contas sem pagar ou falar que iam outras pessoas não adiantava, então, resolvi fazer minha vingança: Deixei minhas contas acumularem e a geladeira se esvaziar e, para todos que me ligavam, eu dizia: “Este fim de semana eu não irei à praia, ficarei em casa”, e eles entendiam: “Olha, eu não vou à praia, a casa estará livre, podem ir”.

Quando foi, na sexta-feira, um vizinho me livrou só para informar que umas onze pessoas estavam na casa da praia.

Na segunda-feira, todos estavam ligando, falando que tiveram que fazer “vaquinha” para tudo: comprar comida, pagar as contas e, ainda, disseram que nunca mais iriam para minha casa.

Nossa, você não sabe como eu fiquei feliz, posso ter estragado o feriado de todos que lá estavam, mas os meus não serão mais prejudicados.

E isso pode ser confirmado. Num feriado, desses prolongados, só estavam na praia eu, minha mulher (que estava até estranhando não chegar ninguém) e meus filhos.

Até os vizinhos agradeceram, agora, só vão para lá, quando têm a certeza de que não irá ninguém. Levam comida e até se oferecem para pagar as contas. Assim, até desisti de vender minha casa de praia!

Um garçom apaixonado

Autora: Stéfany Rodrigues Silva

Professor: Carlos Alexandre Lima

Escola Municipal Dona Alzira Dayrell

Morada Nova de Minas - MG

Esmeraldo era um garçom que trabalhava em um restaurante bem chique e moderno de uma grande cidade.

Um dia, quando estava servindo às mesas, foi até uma cliente para atender a um pedido. Até aí tudo, bem; mas, ao entregar o pedido, vejam só que grande confusão! Esmeraldo, distraído, tropeçou na mesa da cliente e voou comida para todo lado do restaurante!

Foi uma baderna geral! E Esmeraldo levou uma “baita” bronca do gerente do restaurante, quase foi despedido!

Depois que a poeira baixou, Esmeraldo foi orientado, pelos colegas de serviço, a ir até a cliente e lhe pedir desculpas pelo acontecido, explicando a ela a causa de tudo.

Então, ele contou que caiu porque se distraiu, ao admirar a beleza da cliente, enquanto o pedido não chegava à mesa dela. Aí, foi só chegar perto e... já sabem no que deu!

A cliente até que o desculpou, porém, com uma pequena exigência: ele teria que pagar a conta.

Esmeraldo ficou paralisado, por alguns instantes, mas não encontrou outra alternativa, pois deseja dar fim àquela confusão de uma vez por todas. Desse modo, aceitou a exigência da mulher, porém, também impôs uma pequena condição: que ela aceitasse o seu convite para jantarem juntos em novo

encontro.

A mulher pensou um pouco... Depois, resolveu dar uma oportunidade ao garçom de se desculpar com ela e, assim, marcaram um encontro.

Pois bem, eles se encontraram em lindo jantar romântico e, pouco tempo depois, começaram um caso de amor.

O herói

Autora: Vitória Pereira de Souza

Professora: Poliana Maria da Silva

Escola Manoel Honorato de Souza

São Gabriel - BA

Zé Pinguinha era um rapaz muito feliz, tinha cabelos cacheados, olhos castanhos e gostava sempre de tomar sua pinguinha e adorava surfar.

Certo dia, Zé Pinguinha, meio de ressaca, resolveu surfar com seu amigo, o “Maluco Beleza”, só que sabiam o que enfrentariam, naquele dia, em que o mar não estava para peixe.

Bastante animado, Zé Pinguinha entrou na água e, de repente, foi atacado por um tubarão, que agarrou e espedaçou sua perna direita.

Naquele momento, muitas pessoas tomavam sol naquela praia, e acabaram assistindo ao sofrimento do Zé. Muitos gritavam, outros riam, porém, ninguém fazia nada para ajudá-lo.

Nisso, “Maluco Beleza” que, ainda, não tinha entrado no mar, quando viu aquela confusão, jogou-se e nadou até o meio e puxou Zé da boca do tubarão. Nisso, “Maluco” teve sua mão esquerda seriamente ferida; mas, mesmo assim, lutou bravamente até chegar à areia.

Ao saírem da água, os dois estavam machucados e sofriam fortes dores, além de sangrarem. Então, chamaram o Corpo de Bombeiro, que efetuou os primeiros-socorros e os levou ao hospital.

Zé Pinguinha passou por várias cirurgias e ficou meses internado, até se recuperar; porém, “Maluco Beleza”, que era considerado um “doidão”, pelas pessoas, por esse ato de

coragem, passou a ser visto com outros olhos.

Mas, devido aos graves ferimentos, os médicos não puderam salvar sua vida, pois ele perdeu muito sangue e acabou falecendo.

Em suas últimas horas de agonia, disse: “Devemos sempre ajudar o próximo, mesmo que isso nos custe à vida.” Na praia, onde aconteceu o acidente, colocaram uma placa em homenagem ao herói.

A viagem de Magrão

Autor: Mozer Gomes do Nascimento

Professora: Poliana Maria da Silva

Escola Manoel Honorato de Souza

São Gabriel - BA

Magrão resolveu abandonar sua família para trabalhar no Estado de São Paulo. A viagem dele foi marcada para uma terça-feira, às 9 horas. Assim, em um ponto de ônibus, aguardava o coletivo que o levaria ao seu destino. Nisso, o garoto Magrão despediu-se de sua família e foi embora. Seus pais ficaram chorando, porque não aceitavam aquela viagem inesperada. Mas, o jovem pensava: “Tenho que buscar meus sonhos”.

Quando Magrão entrou no ônibus, ele sentou-se em uma poltrona com um ar triste e, assim, permaneceu durante a viagem.

Num dado momento, ele ouviu, nas poltronas ao lado, as conversas de dois rapazes que diziam:

- Nossa! Como esse rapaz escurinho tem cara de mau, de pessoa ruim que não presta... Então, Magrão ouviu aquilo e ficou calado no seu lugarzinho.

Não sei se foi obra do destino, mas algo surpreendente aconteceu, os rapazes e Magrão foram procurar emprego, justamente, em São Paulo e, por coincidência, eles se encontraram, futuramente, trabalhando na mesma fábrica, onde se conheceram e se tornaram grandes amigos.

Um dia, um dos rapazes, conversando com Magrão, disse:

- Sinceramente, a primeira vez que te vi, pensei que fosse um bandido só pelo seu rosto sério; mas, agora, vejo que você

é um cara muito legal.

Para falar a verdade, você só tem cara de mau; mas, convivendo com você, aprendi que, antes de julgar as pessoas pela aparência, devemos conhecê-las e ver o que elas trazem de bom no coração.

Esmeraldo e seu Amigo

Autora: Lorrhine Bastista de Oliveira

Professora: Denise Ferreira Barbosa

Escola Antônio Francisco da Silva

São Gabriel - BA

Certo dia, Esmeraldo, o garçom que trabalhava em um enorme restaurante, resolveu passear em um parque de exposição. Chegando lá, encontrou um velho amigo de infância, que trabalhava naquele lugar. No parque, Esmeraldo se divertiu muito; mas, quando chegou meia noite, o parque iria fechar, ele disse não gostava da sua profissão de garçom. Então, comentou com seu amigo que desejava mudar de emprego. Assim, o amigo lhe disse:

- Velho amigo, você gostou do parque?

Esmeraldo respondeu:

- Eu não só gostei como gostaria de trabalhar aqui!

Nisso, seu amigo falou:

- O parque está recolhendo novos funcionários.

O Esmeraldo, surpreso, falou:

- Ual, essa ideia é fascinante, até que enfim vou me livrar do restaurante.

Mas, o amigo completou:

- Mas, há uma condição, você tem que arrumar uma companheira, pois, aqui, o chefe não quer homem sem uma mulher, porque, enquanto o homem trabalha no parque, a mulher toma conta da casa e, sem esposa, não vai dar.

Esmeraldo ficou muito triste, porque, ainda, não tinha uma

mulher. Então, chegou o momento de Esmeraldo ir embora, então, ele disse ao seu amigo:

- Não foi dessa vez que eu consegui um novo trabalho.

Com o passar do tempo, Esmeraldo se encantou por uma linda mulher que, há muito tempo, já tinha se apaixonado por ele.

No momento, Esmeraldo pensou: “essa é a mulher ideal”. Ele começou a se aproximar dela e, algum tempo depois, eles se casaram.

Então, Esmeraldo pensou: “vamos ao parque de exposição, lá é muito divertido”. Esmeraldo tinha a intenção de arrumar um trabalho no parque e, por acaso, ele resolveu procurar o seu velho amigo e lhe disse:

- Amigo, encontrei uma mulher, posso trabalhar no parque, agora?

O amigo respondeu:

- Sinta-se à vontade.

Esmeraldo, então, passou a trabalhar no parque com sua mulher. Com essa narrativa, podemos concluir que os amigos valem ouro e a amizade é um tesouro.



Desmistificar o slogan “o brasileiro não gosta de ler”. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar os projetos de leitura **Encontro com o Escritor**, **Ler é Bom**, **Experimente!**, **Lendo na Escola**, **Leitura no Parque**, **Viajando na Leitura**, **Dose de Leitura**, entre outros.

No projeto **Ler é Bom**, **Experimente!** são doados lotes de 38 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Minha Escola Lê** envolve a leitura, discussão dos temas, criação de textos e adaptação para teatro a partir de uma das obras de Laé de Souza, por todos os alunos da escola.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos como ônibus e metrô e é executado em parceria com empresas de transportes coletivos.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e o público em geral nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor, em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura dos municípios.

O projeto **Minha Cidade Lê** objetiva incentivar o hábito da frequência à biblioteca pública. Com a participação de voluntários é colocado um livro em todas as portas das casas da cidade. Após a leitura, o morador a trocará por outra obra do autor na biblioteca local.

Obras do Autor



- Quinho
- Radar, o cãozinho
- Bia e a sua gatinha Pammy
- Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial
- Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos
- Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda
- Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro
- Nick e o passarinho falante
- Acontece...
- Nos Bastidores do Cotidiano
- Espiondo o mundo pela fechadura
- Acredite se quiser!
- Coisas de Homem & Coisas de Mulher

Correspondências

CAIXA POSTAL 24.593

03563-970 - São Paulo - SP

E-mail: laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

Pontos de Venda de Livros

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



(11) 2743-8400 - 2743-9491

E-mail: ecoarte@ecoarte.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.